

# RESSALVA

Atendendo solicitação da autora,  
o texto completo desta tese será  
disponibilizado somente a partir  
de 04/03/2024



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
Câmpus de São José do Rio Preto

Manoela Caroline Navas

**A busca da imortalidade em *Across the River and Into the Trees*, de Ernest Hemingway e *Du côté de chez Swann*, de Marcel Proust**

São José do Rio Preto

2022

N322b

Navas, Manoela Caroline

A busca da imortalidade em Across the River and Into the Trees, de Ernest Hemingway e Du côté de chez Swann, de Marcel Proust / Manoela Caroline Navas. -- São José do Rio Preto, 2022  
175 f.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientadora: Gisèle Manganelli Fernandes

1. Filosofia existencial. 2. Imortalidade. 3. Hemingway. 4. Proust. 5. Tempo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Manoela Caroline Navas

**A busca da imortalidade em *Across the River and Into the Trees*, de Ernest Hemingway e *Du côté de chez Swann*, de Marcel Proust**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Agência financiadora: CAPES

**Comissão Examinadora**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giséle Manganelli Fernandes  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto  
Orientadora

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nilce Maria Pereira  
UNESP/Ibilce

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Norma Wimmer  
UNESP/Ibilce

Prof. Dr. Paulo Sergio Nolasco dos Santos  
UFGD

Prof. Dr. Manuel Fernando Medina  
University of Louisville

São José do Rio Preto  
04/03/2022

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pela perseverança que me concedeu em todos os momentos, e pelo apaziguamento nas horas difíceis.

À minha orientadora, Giséle, pela paciência ao longo de onze anos, e por apoiar sempre minhas ideias, se engajando nas minhas propostas. Além disso, gostaria de agradecer não só pelos ensinamentos enquanto orientadora e professora, mas também por todo o universo que me apresentou dentro do sistema universitário, me guiando para além das fronteiras dos livros e das aulas.

À minha banca, composta pelos professores doutores Nilce Pereira, Norma Wimmer, Paulo Nolasco e Manuel Medina, a quem serei eternamente grata pela leitura e avaliação. Um agradecimento em dobro às professoras Nilce e Norma também por terem participado da banca de qualificação, cujas contribuições para a melhoria deste trabalho foram primordiais.

Ao Ibilce, e toda a comunidade ibilceana. Rosemar, Mauro, Silvia, Alíria, e todos os envolvidos na Seção de Pós-Graduação, pela excelência no trabalho prestado, facilitando a vida do aluno. Também gostaria de agradecer a todos os professores que fizeram parte da minha formação universitária e que permitiram que eu pudesse ter o conhecimento para elaborar este trabalho, entre eles gostaria de destacar: Arnaldo, Maria Cláudia, Álvaro, Cláudia Nigro, Nelson, Sérgio Motta (*in memoriam*), Pablo, Orlando, Gentil, Cláudio Aquatti, Luís Totti, Suzi, Melissa, Peter, Paula, Nilce, Norma. Gostaria também de incluir meus agradecimentos aos professores que me permitiram participar de suas disciplinas enquanto aluna especial: Eduardo Coutinho (UFRJ), Luísa Laranjeiras (UFRJ), Andréa Daher (UFRJ) e Vera Folain (PUC/RJ).

Aos meus pais, cujo suporte não é passível de ser descrito em palavras, e forneceram a base para a construção deste trabalho, como um lar preenchido de amor e de compreensão.

Ao meu companheiro, maior apoiador da minha sana loucura, não desistindo de mim um momento só, e me apresentou aos vários caminhos oferecidos pela vida, me encorajando a descobri-los.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*Eis-me aqui diante das folhas em branco — brancas como o negro futuro: brancura terrível! — procurando parar o tempo que passa, fixar o hoje fugidio, eternizar-me ou imortalizar-me, enfim — embora eternidade e imortalidade não sejam uma só e mesma coisa. Eis-me aqui diante destas folhas em branco, meu futuro, procurando derramar minha vida, arrancar a mim mesmo da morte de cada instante. Procuo ao mesmo tempo, me consolar de meu desterro, do desterro de minha eternidade, deste desterro que prefiro chamar de meu des-céu.*

Miguel de Unamuno (2011, p.69)

## Resumo

O ser humano é refém da implacabilidade do tempo, não sendo permitida a chance de escapar do cativeiro fenomenológico imposto a ele. Entretanto, algumas pessoas são capazes de fugir de seu destino e alcançam a eternidade, terreno da imortalidade. A presente tese, assim, tem como objetivo analisar as obras *Across the River and Into the Trees*, de Ernest Hemingway, e *Du côté de chez Swann*, de Marcel Proust, sob a perspectiva da experiência humana e da subjetividade diante da ação do tempo, calcada na Filosofia Existencial. O caminho trilhado parte da análise da necessidade humana da busca da unidade, trabalhada pelo filósofo Miguel de Unamuno, para que assim, os escritores possam alcançar a graça da eternidade. Essa missão somente será possível no plano da criação do universo romanesco, como abordado por Camus, para, então, o escritor, diante de sua angústia existencial, possa encontrar sua unidade. Uma das formas de atingir a eternidade é por meio do acesso à Ideia, categoria suscitada por Schopenhauer, e esta via é trilhada pelo trabalho do gênio, no caso, ambos Hemingway e Proust. Por fim, serão abordadas, via Santo Agostinho e Kierkegaard, as noções de eternidade e tempo, e como, depois de traçado esse percurso na busca de si, os autores em questão e suas obras rompem com a barreira temporal e se lançam na imortalidade.

**Palavras-chave:** Filosofia Existencial. Hemingway. Imortalidade. Proust. Tempo.

## Abstract

Human beings are held hostages of the voracity of time, and they are not allowed them to flee from the phenomenological prison they are trapped into. However, certain people are capable of running away from their destiny and reach eternity, which is the place of immortality. Therefore, the present dissertation aims at analyzing *Across the River and Into the Trees*, by Ernest Hemingway, and *Du côté de chez Swann*, by Marcel Proust, under the perspective of human experience and subjectivity in face of the action of time, based on the ideas of Existential Philosophy. The analysis starts from the human need to search for its unity, as dictated by the philosopher Miguel de Unamuno, so that, in this sense, the writers could reach the eternity gift. This mission can only be accomplished in the creation of a novel universe, as said by Camus, so that, it's possible to the writer, facing his existential agony, to find his unity. One of the ways to reach eternity is through the access to the Idea, Schopenhauer's concept, and this path can only be trailed by the genius, in this case, both Hemingway and Proust. Lastly, the notions of eternity and time, given by Santo Agostinho and Kierkegaard, will be scrutinized, in order to investigate how both authors and their works break the time barrier and launch themselves into immortality.

**Keywords:** Existential Philosophy. Hemingway. Immortality. Proust. Time.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>O PROCESSO DA ESCRITA DO ROMANCE: A FILOSOFIA E O ROMANCE PARA MIGUEL DE UNAMUNO</b>	<b>19</b>
2.1	Primeiras palavras	19
2.2	A questão central para Unamuno e a filosofia existencial	23
2.3	A memória e o princípio de continuidade da vida em “Sentimentos filiais de um parricida”, de Marcel Proust	30
2.4	Em busca da imortalidade: uma interpretação da existência pela memória	42
<b>3.</b>	<b>A ARTE COMO NEGAÇÃO DA MORTE E DO TEMPO</b>	<b>68</b>
3.1	Primeiras palavras	68
3.2	A criação do romance como superação à morte	72
3.3	A experiência mística do romance	92
3.4	A arte, a Ideia, a essência: uma leitura do mundo por Schopenhauer	101
<b>4</b>	<b>UMA BUSCA POR IMORTALIDADE: A EXPERIÊNCIA SUBJETIVA DO TEMPO EM SANTO AGOSTINHO, KIERKEGAARD, HEMINGWAY E PROUST</b>	<b>117</b>
4.1	Primeiras palavras	117
4.2	Coração inquieto que busca a paz: as <i>Confissões</i> e a angústia sobre o Tempo	123
4.3	Kierkegaard e a Filosofia Existencial	142
4.4	<i>A repetição</i> : uma busca do eu em <i>Du côté de chez Swann</i> , <i>Across the River and Into the Trees</i>	144
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>158</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>166</b>
	<b>APÊNDICE A – Prefácio</b>	<b>170</b>

## 1. INTRODUÇÃO

<sup>1</sup>Sempre que me perco, literal ou metaforicamente, meu pensamento, de modo automático, aciona a chave do Tempo. Pode ser em uma corriqueira ação cotidiana, como perder o metrô, perguntar quanto tempo estou atrasada ou quanto tempo falta para a chegada do próximo vagão. Pode ser também em uma ligação com uma pessoa querida, que me obriga a olhar os minutos ou horas passados falando com ela, matando as saudades. Ligação esta, que nos tempos pandêmicos – que contextualizam o momento de escrita desta tese – é tão demorada, como se fosse possível diminuir a distância imposta pelo contexto. Pode ser deitado ao lado de alguém amado e, nesse instante, me perco em pensamentos que remontam às questões de cunho temporal, como “por que não conheci essa pessoa antes?”, “há quanto tempo não me sentia assim?”, “será que é para sempre?”.

Tempo. Entidade que me intriga e preenche meus mais arraigados pensamentos, fazendo desabrochar toda sorte de dúvidas acerca da minha existência. O que é o Tempo? Podemos entender seu real significado? Se a resposta for sim, somos capazes de lidar com ele? É possível domá-lo, trancafiá-lo em uma jaula e declarar-se revoltado contra ele? Seu conteúdo e sua forma não são de simples assimilação. Os antigos, inclusive, dedicavam três deuses para tal entidade, a saber: Cronos, deus do tempo linear (dividido em passado, presente e futuro); Kairós, o deus do tempo oportuno (ligado ao aspecto qualitativo do tempo); e por fim, Aion, deus do tempo ilimitado (ligado às eras e à vida após a morte).<sup>2</sup>

Esse mesmo Tempo, consagrado como a penitência máxima do ser humano, foi objeto de estudo e de angústia dos dois autores que compõem o *corpus* desta tese. Ernest Hemingway, escritor norte-americano e agraciado com Prêmio Nobel de Literatura, não conseguiu lidar com as lembranças que foram desencadeadas pelo Tempo e decidiu por fim à sua existência antes de

---

<sup>1</sup> Pedimos, leitor, que leia primeiramente o Apêndice, localizado na parte final desta tese.

<sup>2</sup> Considerações apresentadas por Nibert Elias, em *Sobre o tempo*.

completar 60 anos de idade. Marcel Proust não somente se questionou profundamente sobre o Tempo, como decidiu realizar uma jornada que pudesse burlar a implacabilidade desta cruel entidade “mitológica”.

Assim, como o Tempo me cativa sempiternamente (veja novamente a preocupação temporal) e parece também ter sido o objeto sobre o qual Hemingway e Proust se debruçaram não somente como autores, mas como seres humanos em sua pura essência, decidi unir as angústias que acometem a nós, enquanto seres humanos, em conjunto. Não é sabido que o sofrimento compartilhado é o tratamento indicado para a angústia?

E, como não poderia ser diferente, o desenvolvimento desta presente tese foi vítima do Tempo, revelando as deformações sofridas ao longo do processo. E por uma razão óbvia. O “eu” que escreveu o projeto há quatro anos foi deformado pela passagem do Tempo e acabou por se desviar várias vezes ao longo do caminho até se encontrar no estágio de consciência de agora. Contudo, o eu de quatro anos atrás também não era um estado puro; sua própria existência estava condicionada a uma anterior; e esta, por sua vez, se ligava a outra, ainda mais anterior, e assim sucessivamente. O eu que está escrevendo esta tese é formado por uma sucessão de “eus” anteriores. E o conteúdo apresentado aqui é um amálgama de experiências e estudos sedimentados ao longo da vida.

O esforço, de um lado, é de ordem laboral e intelectual, incluindo às diversas idas ao Consulado da França para ler, na íntegra, as correspondências trocadas entre Proust e seu editor. Em contrapartida, o elemento motivador desses passeios vinha da conexão espiritual que criei com os autores, buscado compreender, cada vez mais, como eu poderia ser mais um ponto de propagação e eco de seus pensamentos. E, durante essa busca, procurei entender também como esse processo de aceitação do Tempo se passa em mim. Assim, o esforço para a construção desta tese é um esforço de compreensão da vida e de nós mesmos, o que, é claro, demandou um severo questionamento existencial.

Encontrava-me escorregando entre as várias teorias, os inúmeros artigos publicados sobre os dois autores, as muitíssimas abordagens sobre

suas obras, sem sentir que estava cumprindo meu propósito: fazer ecoar as vozes de Hemingway e Proust em sinal de agradecimento. No momento da escrita do projeto, estava passando por um turbulento momento da minha vida, tendo que lidar com a finitude da passagem do Tempo de alguém especial para mim...

Passei a encarar o Tempo não mais como a simples demarcação entre presente, passado e futuro, mas como a foice que ceifa com a continuidade da vida, interrompendo o projeto do Bem. Como é triste e doloroso o conhecimento sobre a Morte. Apesar do forte impacto que exerceu sobre a minha pessoa, o tema passou a ser alvo de perseguição. Crescia em mim um sentimento dualista pesaroso: quanto mais pensava na Morte, mais queria entendê-la, como um cientista segurando seu frasco no laboratório; contudo, ao mesmo tempo, a ideia da sua proximidade me aterrorizava, desejando-a cada vez mais distante. Esse sentimento povoou minha mente durante o processo de construção do projeto de doutorado, que, tomado pela esfera melancólica na qual me encontrava, tinha como proposta inicial investigar os romances *Do outro lado do rio, entre as árvores*, de Ernest Hemingway, e *No caminho de Swann*, de Marcel Proust, sob a perspectiva do problema do Mal. Vale ressaltar, a partir de agora, a motivação da escolha desses dois romances para compor o *corpus* deste trabalho.

Primeiramente, o relato se concentra na aproximação entre Hemingway e Proust. Durante o mestrado, trabalhei com a obra *O sol também se levanta*, primeiro romance de Hemingway, publicado em 1926. Fiquei contagiada pelo estilo do narrador: curto, áspero e ágil, como uma navalha, que deixou cicatrizes como se fosse uma navalha afiada. Decidi empreender uma jornada por toda a extensão de sua obra, para compreender melhor o autor, até sentir uma transição de seu estilo e abordagem no romance em questão, quando tive a oportunidade de chegar até ele. Em *Do outro lado do rio, entre as árvores*, temos um romance que não se pretende cínico ou irônico, como nas narrativas anteriores, e acaba por nos revelar um Hemingway amável e saudosista. O romance também mostrava uma relação com as lembranças dos tempos de guerra distinta das anteriores, parecendo não mais querer fugir de suas

memórias, mas cooptá-las para dentro de um receptáculo. Cabe outra ressalva aqui. Quando possível, leio as correspondências que os escritores trocam com amigos, família e editor. Quando li o romance, quis mergulhar mais de maneira profunda em sua obra, buscando entender as aflições afloradas e explícitas pelas palavras do Coronel Cantwell, protagonista da narrativa, e ver se Hemingway comentava sobre isso em algum lugar, pois, apesar de jornalista de formação, não era muito adepto de entrevistas. Por isso, parti em busca de suas cartas, todas reunidas e publicadas por seu amigo e posterior biógrafo, Carlos Baker, para, então, entender o que o autor travava como batalha pessoal, e se sua personagem era, de alguma forma, uma expressão de suas angústias.

Folheio o pesado volume das cartas selecionadas entre 1917 e 1961, com as folhas amareladas e manchadas, outra vítima do Tempo, estampando na capa um retrato de Hemingway, no qual visualizo o Coronel Cantwell, protagonista do romance sob análise. Em uma das cartas, selecionada aleatoriamente (ou com um toque do destino), era dedicada ao amigo Arthur Mizener, em 22 de abril de 1950, e me deparei com as seguintes palavras, escritas após a saudação final: “Fico feliz se gostar do que você leu no livro até agora. Eu gostaria que fosse melhor que Proust, se Proust tivesse participado de guerras, gostasse de transar e estivesse apaixonado” (Hemingway, apud Baker, 1985, p. 691, tradução nossa)<sup>3</sup>. Fui cativada pela sua ousadia e pela espontaneidade do argumento. Quando me atentei para a data da publicação da carta, constatei que era de 1950, ano de publicação do romance, o mesmo no qual eu havia percebido uma mudança na abordagem dos temas memorialísticos. Questionei-me, repetidas vezes, o porquê de selecionar justamente Proust para estabelecer a comparação. Eu precisava descobrir.

A partir desse momento, acendeu-se em mim uma antiga vontade de ler a grande obra proustiana, tão famosa, analisada pelos maiores pesquisadores, mas que, ao mesmo tempo, encontra tão poucos adeptos. Quantas pessoas você, leitor, conheceu, que disse que adoraria ler Proust, mas nunca o fez? Por

---

<sup>3</sup> *I am happy if you liked what you have seen of the book. I would like it [to] be better than Proust if Proust had been to the wars and liked to fuck and was in love.* (Hemingway, apud Baker, 1985, p.691).

que não há tantas adaptações cinematográficas, como em outros romances de mesma extensão? O que repelia a todos na leitura de *Em busca do tempo perdido*?

E lá estava eu, na livraria, de frente para a seção de literatura estrangeira, encarando uma recente edição publicada pela Editora Biblioteca Azul, com duas informações que saltavam da capa azul em direção aos meus olhos, buscando uma conexão. A primeira reside na escolha da tradução: feita por Mário Quintana, revelando, ao menos para mim, que o esforço de compreensão da obra não estava na disposição cronológica dos eventos, como todos reclamavam, mas derivava da necessidade de uma sensibilidade estética, tão cara a Mário Quintana, como podemos observar em sua vasta bibliografia. A segunda informação que se tornou alvo cativo do meu olhar era a palavra Tempo, grafada em fonte preta, com linhas finas e delicadas, como se representasse (o que eu pensava à época) a sensibilidade do Tempo. Lá estava ele de novo, me encarando, colocando em combustão todos aqueles sentimentos confusos que tomaram conta de mim há algum tempo. Veja bem, leitor, como eu e o Tempo estamos sempre um atrás do outro, como a mitológica imagem do Ouroboros, na qual a serpente está dando a volta no círculo e sua boca morde a própria cauda. E quanto mais eu corro atrás do Tempo, mais o perco. Caçada injusta essa que me fora imposta!

Decidi não lutar mais contra ele, e fui buscar em Proust qual era seu sentimento de busca (talvez em vão) do Tempo, que acaba por ser redescoberto ou, pelo menos, é tratado sob outro olhar, amadurecido com o passar dos anos. Será possível um dia não pensar sobre o Tempo? E, em meio a esse devaneio, iniciei a leitura de Proust, encarando o medo da resposta que poderia vir a obter sobre o tema agora fixo em meus pensamentos.

E aí começou a batalha contra o Tempo. Com a leitura dos romances, eu sentia que tinha aliados compartilhando a minha angústia, e que, paradoxal e simultaneamente, me transtornaram ainda mais. Os dois romances se empenhavam na mesma batalha que eu estava travando há um tempo: a superação da Morte. Eis o ponto de partida dos envolvidos: diante da proximidade da morte, como nos jogamos de volta à vida?

Juntos, enfrentávamos a presença constante dela, como Antonius Block, que a desafia para uma partida de xadrez, no filme *O sétimo selo*, de Ingmar Bergman. Block, cavaleiro que regressa das Cruzadas, encontra seu país tomado pela peste e as pessoas morrendo nas estradas, com cadáveres espalhados por todas as partes. E ainda encontra algo mais aterrorizante que o cenário de mortandade causado pela peste, a Morte personificada (interpretada por Bengt Ekerot), e esta passa a acompanhá-lo de perto, à espreita do momento de ceifar sua vida.

Block (interpretado por Max von Sydow) e seu escudeiro Jöns (interpretado por Gunnar Björnstrand) remetem à mesma dupla de cavaleiro/escudeiro Dom Quixote e Sancho Pança, que também será contemplada no desenvolvimento desta tese. Ambas as duplas buscam encarar a realidade na qual se encontram com olhar próprio, superando o caos instaurado em seus respectivos momentos presentes.

A Morte se apresenta diante de Antonius Block repetidas vezes, lembrando-o de que sua hora estaria próxima. Brilhantemente retratado, Block, em sua tentativa de escapar da Morte, a desafia para uma partida de xadrez, e, em caso de derrota, entregaria sua vida a ela. A Morte, conhecedora de todos os movimentos e da força de sua implacabilidade, aceita o desafio, jogando avidamente. Decerto o uso da inteligência não foi suficiente para que Block pudesse vencer a adversária. Contudo, enquanto a Morte jogava concentrada, a família de artistas itinerantes consegue escapar dela, atuando o jogo proposto por Block, o xadrez, como uma distração. A imagem trazida nessa cena está diretamente relacionada com o assunto a ser discutido nas próximas páginas: a possibilidade de vencer a Morte por meio da arte.

Dessa forma, caro leitor, quero convidá-lo a mergulhar na minha busca por respostas, desafiando o Tempo e a Morte. Como um jogo de xadrez, me lancei no desafio de escrever sobre dois romances que também foram bem-sucedidos em superar a Morte. Como eles me guiaram por essa jornada íntima, onírica, mnemônica, saudosista, de forma tão subjetiva, eu não poderia, de forma alguma, trair seus princípios. Assim, tomei a liberdade de escrever uma tese que também partisse da minha subjetividade, da minha experiência de

vida enquanto ser humano, e que sedimenta as bases para a compreensão das obras e de seus ensinamentos.

Só podemos falar sobre aquilo que vemos de dentro, de nosso interior. Quando contemplamos um lugar desconhecido, por mais que, externamente, o reconheçamos como um escritório, por exemplo, não sabemos sobre seu funcionamento, seus integrantes, laços afetivos entre as pessoas e a construção. Contudo, dentro de nossa casa, somos capazes de compreender aspectos que somente para nós fazem sentido, como os nossos hábitos, nossas dualidades, aquele quem somos somente dentro de casa. Assim como ocorre com nossa subjetividade. Posso falar sobre aquilo que sinto, vivo por dentro e está circunscrito a mim. Assim, esta tese é o relato de uma experiência interna disparada pela leitura dos romances, uma faísca de subjetividade. Não poderia ser ingrata com toda a experiência trazida por esses autores e passar a analisá-los com argumentos exteriores, os quais possuem lá seu propósito, mas determinam um papel às obras menor do que elas realmente desempenham. É preciso explorar a obra por dentro, e não colar rótulos, teorias, costurando uma colcha de retalhos que acabará por encobrir a potencialidade do romance.

A leitura das obras não foi um mero ato acadêmico, o qual precisava de uma justificativa para ser aceito em algum programa. O problema apresentava-se em mim, e aqui estão transcritos todos os pensamentos suscitados em mim durante a busca por respostas, não ao longo dos formais quatro anos de um doutorado, mas de uma vida inteira. Marcel e Richard Cantwell me conduziram por aquilo que posso designar de experiência mística da descoberta da subjetividade. Qual é o valor de uma tese recheada de teorias áridas, como uma espécie de mundo externo à essência do problema e que não tocam sequer no coração da pessoa que se propõe a escrever sobre o objeto?

Por isso, tomei a decisão de buscar aqueles que também falavam e escreviam com a alma, e estavam, de fato, vivenciando suas angústias. A fortuna crítica utilizada aqui parte de escritores e filósofos-escritores, todos envolvidos por suas indagações subjetivas em face da racionalidade crua e cruel do mundo em nossa volta. E como em um lance de dados do destino,



esses autores foram se encaixando e se atraindo, em uma espécie de conexão mística. Cabem, aqui, algumas observações sobre o desenvolvimento dos capítulos.

A tese é dividida em três capítulos. Cada capítulo inicia com uma seção intitulada “Primeiras palavras”, na qual dedico um pouco da minha própria reflexão sobre como surgiram os questionamentos desenvolvidos no desenrolar das seções seguintes. Essa escolha se deu por um motivo mais poético, de prestar uma homenagem a esses autores, responsáveis por me guiar pelo caminho da descoberta do eu, e apresentam em suas obras, como ponto de partida, a experiência subjetiva. Tanto o herói de Hemingway quanto o de Proust partem da proximidade da morte, e mergulham no mar das lembranças em movimento retrógrado, mas com abordagens distintas. Cantwell, participante de duas guerras mundiais, entra na História para poder, voluntariamente, acessar suas memórias, enquanto Marcel, por outro lado, parece fugir da História (com citações muito esparsas e breves sobre o contexto histórico), valendo-se primordialmente do uso da memória involuntária.

O primeiro traz as ideias suscitadas por Miguel de Unamuno, filósofo e escritor basco, que, a partir da via da filosofia existencial, trata do romance como criação subjetiva em busca da unidade do indivíduo. Ainda neste capítulo, decidi trazer para discussão uma crônica de Proust, no intuito de reforçar as ideias presentes em sua obra. Este primeiro capítulo atua como um sonar, um emissor de ondas a serem propagadas ao longo dos outros capítulos que o sucedem, ecoando as ideias plantadas por Unamuno, na busca de alcançar o infinito e o eterno.

No segundo capítulo, trataremos as reflexões do escritor e filósofo Albert Camus, sobre a produção do romance como Revolta e negação do Tempo e da Morte. Neste capítulo, também será abordada outra narrativa curta de Proust, um conto sobre os últimos dias de um homem e a reverberação desta proximidade da morte. Vale destacar que, apesar de ter proposto uma leitura partindo da subjetividade, deixando fluir os pensamentos conforme eles se apresentam, para um entendimento mais conciso dos conceitos filosóficos

abordados por Camus, foram feitas considerações mais sucintas sobre os conceitos gerais para que, depois, seja realizado um aprofundamento nos tópicos dialogando diretamente com as obras sob análise.

O mesmo pode ser dito sobre as considerações tecidas por Schopenhauer, nosso terceiro filósofo escolhido para tratar sobre a essência do mundo e como ela estaria conectada com o evento da memória involuntária, revelando a característica genial tanto de Hemingway quanto de Proust. Ainda foram acrescentadas as reflexões do escritor Samuel Beckett, profundo leitor de Schopenhauer, responsável pelo ensaio intitulado *Proust*, no qual traz a consideração sobre como o autor francês foi bem-sucedido em sua empreitada de vencer a Morte.

O terceiro capítulo traz à baila as considerações tecidas pelo criador da filosofia existencial: Søren Kierkegaard. Veremos elementos da experiência mística suscitada pela Repetição, concepção tão cara ao pensador dinamarquês. Para fundamentar as noções de eternidade e imortalidade, também foi abordado o livro *Confissões*, de Santo Agostinho, obra de cunho autobiográfico sobre o processo de conversão de Agostinho.

Se, como veremos ao final, o ser humano está em busca de sua unidade e, assim, por consequência, da sua imortalidade, a divisão em três capítulos faz um papel referencial (considerando o viés da filosofia existencial) à Santíssima Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo.

Vale também ressaltar que as obras que compõe o *corpus* desta tese foram lidas e analisadas em seus idiomas originais, *Across the River and Into the Trees*, de Hemingway em inglês, e *Du côté de chez Swann*, de Proust, obviamente, em francês. O intuito foi diminuir mais ainda qualquer barreira que pudesse se apresentar, buscando, ao melhor estilo schopenhariano, a essência.

Trago agora uma observação acerca do tratamento dado sobre a categoria do narrador. Em ambos os romances, decidimos tratar o narrador como narrador-personagem, pois o grau de onisciência é muito alto. O acesso à subjetividade, tanto de Marcel quanto de Richard Cantwell, é de forma direta, sem a presença de uma barreira ou juízo de valor pelo narrador. Pelo recorte

feito, não teríamos espaço nem tempo hábil para discorrer sobre os vários estudos realizados sobre a categoria do narrador em Proust. Por isso, optamos por denominá-los como narradores-personagens.

Assim, leitor, você poderá constatar que a presente tese é uma construção em si, se moldando com as leituras e sendo modelada pelos pensamentos suscitados ao longo do percurso, sedimentado pela passagem do Tempo. O texto se constrói buscando uma unidade, e, por isso, as ideias são vistas e revistas ao longo de todo o trabalho, como uma repetição e eco das palavras iniciais. Um trabalho semelhante a uma semente, pequena, coberta por um invólucro, mas que com o tempo e as leituras a regando, acaba por germinar, criando vários ramos partindo de uma mesma ideia.<sup>4</sup>

Por fim, leitor, gostaria de que você soubesse que a perspectiva deste trabalho não está contextualizada somente pelas ideias trazidas à baila. O Tempo também é demarcado. A escrita desta tese aconteceu, majoritariamente, durante um evento que nos marcará eternamente. Uma pandemia que veio para nos ensinar o valor do Tempo. Qual é a ressonância de ficar sem ver, sem poder abraçar ou estar próximo, por tanto tempo, das pessoas amadas? Mas esse tempo, talvez perdido, é incontável, imensurável. Por isso, me lancei nesta jornada de pensar o Tempo e encará-lo uma vez mais. Dou meu salto de fé para mergulhar nas inúmeras experiências que só o Tempo pode servir.

Daqui a muitos anos, quem sabe, se este estudo cair nas mãos de algum leitor curioso, não gostaria de fosse lido como mais uma amostra estatística ou mais uma obra a ser citada. Meu desejo é que as minhas palavras ecoem no tempo, em ondas vibrando em harmonia com as palavras propagadas por Proust e Hemingway, e contribuam para esta luta do homem contra a Morte, buscando, na arte, a imortalidade.

---

<sup>4</sup> Podemos nos remeter aos seguintes versículos do Evangelho de João: “Se o grão de trigo que cai na terra não morre, ele continua só um grão de trigo; mas se morre, então produz muito fruto”.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos, ao longo deste trabalho, o projeto de eternização de Ernest Hemingway e de Marcel Proust, por meio da criação de seus romances *Do outro lado do rio, entre as árvores* e *No caminho de Swann*.

Há algumas considerações a serem feitas após toda essa busca por respostas transcrita ao longo desta tese. O processo de eternização, em ambos os romances, assume um papel de potencialização mais amplo do que se pode apreender a princípio. Primeiramente, precisamos destacar (como já exposto) que o processo de leitura das obras é caracterizado por uma ativação no leitor do próprio efeito da memória relatada na narrativa.

Quando lemos o romance, somos, diversas vezes, desviados do nosso caminho, transitando pelas memórias do narrador e, como se um portal mágico se desvelasse, passássemos a transitar por nossas próprias memórias — estas somente acessadas por uma faculdade não relacionada à razão, mas pela contemplação dos textos — construindo em nós, leitores, uma rememoração que remonta ao nosso passado e nos faz considerar o momento presente. Este processo de busca, em mim mesmo, da minha unidade, valendo-me da memória como eixo que unifica as duas pontas da vida (a infância e a eternidade), é marcado por uma repetição incessante dessas memórias involuntárias, criando um processo de eternização em cada leitor, pois esses eventos nunca se cessam.

Para Unamuno, o homem se eterniza ao saber da sua condição finita, e, assim, busca uma unidade, por meio da memória. Aqui, podemos nos referir ao conceito de anamnese, de Platão<sup>55</sup>, indicando que o indivíduo parte da lembrança para obter o conhecimento. Conhecer-se, então, é um processo de recordação, de lembrança, e, conforme levantado por Unamuno, a memória constitui a personalidade e a unidade do sujeito.

---

<sup>55</sup> Do grego *anmnésis*, ação de lembrar-se. Na filosofia platônica, a anamnese consiste no esforço progressivo pelo qual a consciência individual remonta, da experiência sensível, para o mundo das ideias. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008)

O processo de eternização encontra-se, também, por outra via, a do próprio autor com sua obra. A materialidade corpórea dos indivíduos Ernest Hemingway e Marcel Proust se extinguiu, não existe mais. Contudo, suas obras, que carregam suas palavras, transcenderam suas individualidades, porque alcançaram a Ideia e, assim, se eternizaram.

De acordo com as concepções de Schopenhauer, a Ideia é eterna e universal, existindo para além do mundo fenomênico, e uma vez alcançada, podemos afirmar que o bem-sucedido nesta empreitada também participa da Eternidade.

Há também que se elucidar sobre o processo de contemplação estética do gênio, conforme vimos nas concepções de Schopenhauer. Ambos Proust e Hemingway se eternizam porque nós, leitores, nos fundimos a eles, no processo de contemplação estética. O gênio é aquele capaz de alcançar a Ideia e o fará por meio da arte. Quando lemos as narrativas dos personagens dos romances que estão em seu processo de contemplação, como já foi abordado aqui, e a leitura nos transporta para essa mesma atividade, nós também estamos em contato com a Ideia, assumindo o papel do gênio. E, nesse momento de fusão, alcançar a Ideia é eternizar-se.

Portanto, os romances eternizam a si mesmos, aos seus criadores e a nós, leitores, em uma corrente infinita, que simboliza a própria Eternidade. O autor, quando criou o romance, estava buscando dar forma à sua unidade e uma saída para a implacabilidade da Morte. O romance, toda vez que é lido, atualiza não somente os seus personagens e criadores, mas também este sentimento tão arraigado no pensamento humano, responsável pela nossa angústia existencial. E quando atualiza esse pensamento em cada um de nós, nos coloca em contato direto com a Ideia, porque acessamos àquilo que escapa aos olhos da razão, e exploramos sensações emergidas das memórias involuntárias. Pensar sobre si mesmo é conhecer-se, saber de sua existência e angustiar-se por ela, neste momento, é saber também de sua finitude.

Assim como representado no jogo de xadrez contra a Morte, no filme *Sétimo Selo*, a arte é o caminho da eternização, uma vez que os processos alcançados e propagados por ela apontam para duas direções de Eternidade:

para dentro de mim e para fora do Tempo. Não importa quanto tempo cronológico se passou, os romances propostos por Hemingway e Proust ultrapassaram as barreiras temporais, alcançaram a Ideia e, simultaneamente, eternizaram cada um de nós, leitores, porque também somos postos em contato direto com a Ideia.

À primeira vista, quando lemos ou temos contato com o texto de Proust, pensamos que o romance aborda uma fenomenologia da memória, como se o narrador quisesse trazer para a sua realidade os momentos passados. Contudo, a memória não é capaz de tal façanha. Como vimos em *A repetição*, o ato de rememorar suscita, no presente, uma vontade de (re)experimentação do passado ou de um evento específico, mas seu plano de ação se detém sobre o pretérito, não tem a capacidade de emergir para a superfície da realidade do homem.

Então, como podemos honrar o título desta tese? Qual foi o caminho percorrido por Hemingway e Proust em busca da imortalidade? Eles burlam a lei da exclusividade divina sobre a Eternidade, e se lançam na eternidade humana, a cada novo leitor que ativa Marcel ou o Coronel. E pelo fato de essas personagens serem criações (remontando às palavras de Santo Agostinho) de dois gênios artísticos (correspondendo à concepção de Schopenhauer), Marcel Proust e Ernest Hemingway serão lembrados enquanto durar a humanidade, pois estarão sendo lidos enquanto existirem seres humanos.

Suas obras, como frutos de suas experiências pessoais, humanas, verdadeiras, semeiam, em cada leitor, um pedaço de si, como se se transportassem para a realidade temporal de cada novo leitor, e toda nova leitura seria uma forma de confissão dos tormentos e angústias que os maculavam. Os autores, em vida, como já dissemos, sentiam em demasia o desespero particular a cada um em relação ao Tempo. Do lado francês, a virada do século XIX para o XX, e todas transformações advindas dela, incluindo a decadência da Belle Époque, passando pela crise de valores e a instauração de uma Guerra Mundial, sem contar toda a tragédia familiar, atormentaram tanto ao autor, que buscou se confessar ao longo de mais de mil páginas, numa tentativa de redenção para sua melancolia diante desse mundo

em transição, sob o jugo do Tempo. Do lado norte-americano, Hemingway esteve presente ativamente, como combatente, em todas as assolações bélicas existentes na primeira metade do século XX, contando com duas Guerras Mundiais, guerras civis e invasões — como poderia esse indivíduo, a todo tempo em face da Morte, não se tornar fissurado pelo Tempo, uma vez que era capaz de driblá-lo, postergando sua morte?

Ambos os autores travaram uma batalha contra o Tempo. Com a derrota pré-anunciada, eles não foram capazes de resistir fisicamente às ações do Tempo, seja definindo com sua passagem (no caso de Proust, morto por uma doença respiratória mal cuidada), seja pela antecipação à ação dele (em Hemingway, que pôs fim à sua própria vida com um fuzil). Contudo, o lugar do gênio é na eternidade, não valendo como blasfêmia, pois a Eternidade de Deus só pode ser vivida por Ele, mas mantida sob a esfera da realidade humana. Enquanto o ser humano existir, a obra do gênio será postergada.

Temos, então, depois de analisadas as obras sob o viés da Filosofia Existencial e da experiência da subjetividade, três considerações finais acerca da imortalidade nas obras *No caminho de Swann* (2016) e *Do outro lado do rio, entre as árvores* (2014).

A primeira conclusão suscitada é sobre o papel da busca do eu / da unidade. Hemingway, Proust, Unamuno, Cervantes, Camus, Schopenhauer, Santo Agostinho e Kierkegaard enfrentaram a corajosa luta contra o apagamento de si e contra a finitude da vida imposta pelo Tempo. Tal intempérie é alimentada pela não conformidade diante da ação do Tempo na linha temporal cronológica, provocando uma angústia existencial em cada um desses autores.

A maioria das obras analisadas nesta tese revela traços autobiográficos de seus respectivos autores, bem como são narradas em primeira pessoa, indicando um importante comprometimento com a verdade de cada indivíduo, de cada personagem, partindo de sua subjetividade, de sua experiência para atingir a subjetividade do leitor. E assim, ao acertar na alma humana, tanto leitor quanto obra se fundem na planície da experiência, trazendo à vida os

personagens e seus autores, e afundando os leitores no lago da consciência sobre sua própria vida e seu lugar no mundo.

Por se tratarem de dados autobiográficos, eles buscam criar um universo romanesco, como observado por Camus, no qual possam realizar suas penitências ou apaziguar suas angústias existenciais, uma vez que não conseguem dar vazão a elas no plano da realidade. A construção desse mundo romanesco, segundo Camus (2005): “não é mais que a correção deste nosso mundo” (p. 302), mas no qual há uma visão sobre o fim, sobre o todo, a caminho de uma unidade.

Assim, a criação do universo romanesco, tanto de Hemingway quanto de Proust, é o confessionário, onde poderão relatar seus pecados, suas angústias, como fez Santo Agostinho em *Confissões*. O ato de confessar representa, portanto, uma busca na união das pontas do futuro com as do passado, unindo o “eu” pecador ao “eu” anterior à mácula do pecado. Confessar é a prática redentora do pecador. Marcel e Cantwell estão nos relatando seus pecados, como se estivessem ajoelhados diante do padre, ou como em uma última oração a Deus no momento da morte, na busca da unidade do “eu”. A linguagem em primeira pessoa também aproxima as obras do gênero da confissão, revelando ao leitor, seu confidente, suas angústias mais verdadeiras e profundas.

Portanto, ao se confessarem, por meio dos seus romances, Proust e Hemingway espalham suas sementes em cada novo leitor, semeando a temporalidade humana presente com sua presença. Também rompem com a barreira da Eternidade, ao tratar de assuntos tão intimamente conectados à existência humana, perdurando para além da ação do Tempo.

Uma vez realizada a confissão, os personagens (como ecos de seus autores) reencontram sua unidade e, assim, permanecem na Eternidade.

A segunda consideração suscitada reside sobre o fato de ambos os romances serem um trabalho de duas vias. O gênio perfura a barreira da Eternidade, conforme vimos nas considerações de Schopenhauer, vencendo a batalha contra a Vontade, quando se perpetua. Em contrapartida, enfrenta a morte, a finitude imposta pelo Tempo, burla as leis materiais, e por meio da



escrita, em um processo quase paranormal, revive em cada leitor, no plano da existência humana. E, se em suas obras não eram capazes de viver no presente, aqui, fora da ficção, se mantêm o tempo todo neste, e não são deixados à mercê da ação do Tempo, relegados ao passado.

Tanto Hemingway quanto Proust, sempre que lidos, são ressuscitados, apesar de as obras tratarem de eventos pretéritos, e conforme aponta Santo Agostinho, não têm existência presente, não têm espaço para serem. Contudo, toda vez que um novo leitor se aventura pela narrativa, ela o submerge para o momento da leitura. Os eventos passados, guardados somente no plano da memória de quem os criou e vivenciou, são reelaborados por quem os lê e ativados no presente.

Portanto, a cada nova leitura das narrativas de Cantwell e de Marcel, são emersos os pecados e as lamentações de suas vidas e memórias, numa espécie de eterna penitência, pois cada leitor vira confidente da obra. Suas individualidades, subjetividades são semeadas em todos nós, como pássaros que carregam sementes pelo ar e garantem a perpetuidade das árvores e flores.

A questão sobre o Tempo parte de uma pergunta ontológica sobre a categoria e o conceito, sendo respondida fenomenologicamente, baseada na experiência do homem diante dele. Ao final de *Do outro lado do rio, entre as árvores*, temos um encontro do Coronel com a morte, que põe fim à sua vida material, mas não antes que a confessasse por completo pela escrita. A escrita eterniza ambos e seus respectivos personagens, porque é composta de suas subjetividades, fragmentadas e espalhadas ao longo da narrativa, que encontram sua redenção no encontro final com o Tempo. O último volume de *À la recherche du temps perdue* é intitulado *Temps retrouvé*, ou seja, o Tempo é reencontrado no ponto final da vida dos personagens, mas não é capaz de deter sua existência para a posterioridade. Assim, a batalha contra o Tempo é, de início, uma derrota anunciada, mas há, felizmente, a perpetuidade legada pelos gênios, em um confronto direto com sua voracidade.

Por fim, a última consideração reside na questão da Repetição. O Coronel Cantwell e Marcel, cada um a seu modo, estão em uma guerra contra

o Tempo, contra o esquecimento e contra a morte. Diante da morte inúmeras vezes, o personagem de Hemingway, depois de um diagnóstico nada favorável dado por seu médico, decide que irá escapar de seu jugo mais uma vez. Afinal, fora “bem-sucedido” até o momento. Marcel, por sua vez, projeta-se no plano da memória, buscando no passado um local de conforto e explicação para o seu mundo presente. A Repetição no romance de Hemingway está calcada na tentativa de refazer a experiência, lançando-a na exterioridade. A do romance de Proust, por sua vez, se alicerça na procura dentro das próprias memórias. De um lado, Cantwell quer criar um lugar para que o passado possa ser acessado, e acredita que repetir as experiências seria uma forma de trazer a memória para o presente. Do outro, Marcel sabe que o lugar do passado reside nas memórias, e se aventura nelas, mergulhando na sua infância e nas observações acerca da mesma.

A partir da recriação de um mundo literário, local do expurgo de suas angústias existenciais suscitadas no enfrentamento à morte, temos as confissões desses dois personagens, Coronel Cantwell e Marcel, que realizam, por meio da Repetição, uma possibilidade de redenção de suas almas. A cada nova leitura das obras, temos uma ativação deles no plano do real, e nos tornamos seus confidentes, porque somente nós, leitores, temos o privilégio de saber como esses personagens sentiam-se, por meio do relato da narrativa, suas confissões. Para escarpamos da Morte e da ação do tempo, precisamos perdurar o presente, pois, como dito por Santo Agostinho, essa é a via da eternidade humana. O gênio, conforme aponta Schopenhauer, aqui retratado por Hemingway e Proust, é capaz de burlar o Tempo, e perfura a Ideia, atingindo a Eternidade. Para tanto, os autores criam seus universos romanescos para dar vazão às suas angústias, retomando Camus, e buscam sua redenção por meio da repetição dos eventos passados, como proposto por Kierkegaard. Dessa forma seriam capazes de encontrar sua unidade, unindo as duas pontas da vida, por meio da memória, como afirmado por Unamuno, alcançando, assim, a Unidade e a Eternidade.

Marcel reencontra-se no fim da vida, quando decide, por meio da criação artístico-literária, reconstruir sua vida, encontrando sua unidade e, assim, se

perpetuando. Cantwell, similarmente, faz uma ode ao amor e à cidade de Veneza antes de morrer, como uma homenagem, e une as duas pontas de sua vida: antes e depois da guerra. A busca do amor e das lembranças suscitadas indica que o coronel busca algo que falta dentro dele, como se quisesse preencher o vazio existencial causado pelo contexto histórico e sua biografia. Ele busca a unidade ao tentar preencher tais vazios, mas mantendo-se fiel, como Jó, aos seus princípios.

Por fim, toda essa busca pela memória e a luta contra o Tempo estão intimamente relacionadas. Para não sucumbir diante do impiedoso Tempo, é preciso enganá-lo, para poder atingir a eternidade. E a única maneira de se eternizar, a exemplo de Deus — que goza de sua própria Eternidade, porque É o tempo todo — é viver no agora, pois, conforme apontado por Santo Agostinho, este é o único tempo possível. E por serem frutos de gênios, os romances sob análise nesta tese alcançam a Ideia, atingem-Na, e se implantam no coração tocado de cada leitor, que, espontaneamente, aceita desempenhar o papel de confidente, adubando com empatia a semente deixada por seus criadores, postergando sua obra à eternidade. Assim, está traçada a busca da consciência da imortalidade em *Do outro lado do rio, entre as árvores* e *No caminho de Swann*. E como esta tese também buscou sua unidade, voltamos ao começo, ao título. Coronel Cantwell entrega seu bilhete final no fim da vida, em um cortejo com apenas um carro por entre as ruas de sua adorada cidade. Marcel também decide, no último volume, que irá se reproduzir, tornar-se eterno, por meio da criação literária. E, aqui, no fim, como meus autores estudados, deixo meu legado: esta tese, escrita com o coração, e como forma de agradecimento por todas as lições aprendidas.

## 6. REFERÊNCIAS

### 6.1 Referências citadas

AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 1997.

BAKER, Carlos. *O escritor como artista*. Trad. Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

BAKER, Carlos. *Selected Letters: 1917-1961*. London: Granada, 1981.

BECKETT, Samuel. *Proust*. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Trad. Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

CHESTÓV, Léon. *Kierkegaard y la Filosofía Existencial: vox clamantis in deserto*. Trad. José Ferrater Mora. Buenos Aires: Editora Sudamericana, 1965.

HEMINGWAY, Ernest. *Across the River and Into the Trees*. London: Arrow Books, 2004.

HEMINGWAY, Ernest. *Do outro lado do rio, entre as árvores*. Trad. José Geraldo Oliveira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

KIERKEGAARD, Søren. *A repetição*. Trad. José Miranda Justo. Lisboa: Relógio d'Água, 2009.

MANN, Thomas. *Pensadores modernos: Freud, Nietzsche, Wagner e Schopenhauer*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

MARIAS, Julian. *Miguel de Unamuno*. Buenos Aires: Espasa, 1950.

PROUST, Marcel. *Contra Sainte-Beuve*. Trad. Luciana Persice Nogueira. Belo Horizonte: Editora Âyné, 2017.

PROUST, Marcel. *Correspondance avec Gaston Gallimard*. Paris: Gallimard, 1989.

PROUST, Marcel. *Du Côté Chez Swann*. Paris: Gallimard, 2001.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Trad. Mário Quintana. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

PROUST, Marcel. *Os prazeres e os dias*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Editora Rio Gráfica, 1986.

PROUST, Marcel. *Salões de Paris*. Trad. Caroline Fretin de Freitas São Paulo: Carambaia, 2018.

UNAMUNO, Miguel de. *Como escrever um romance*. Trad. Antonio Fernando Borges. São Paulo: É Realizações, 2011.

UNAMUNO, Miguel de. *Del sentimiento trágico de la vida*. Barcelona: Folio, 2002.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *O engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2017.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha*. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2016.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do Belo*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como Vontade e Representação*. III parte. Trad. Wolfgang Leo Maar e Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

TADIÉ, Jean-Yves. *Marcel Proust*. London: Viking, 2000.

TADIÉ, Jean-Yves. *Proust et le roman: Essai sur les Formes et Techniques du Roman À la Recherche du Temps Perdu*. Paris: Gallimard, 1971.

## 6.2 Referências consultadas

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ATKINS, John. *The art of Ernest Hemingway: his work and personality*. London: Spring books, 1952.

BORREL, Anne; NAUDIN, Jean-Bernard; SENDERENS, Alain. *À mesa com Proust*. Trad. Ana Luiza Borges et al. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

DECOMBES, Vincent. *Proust: Philosophie du Roman*. Paris : Les Éditions de Minuit, 1987.

DIAS, Rosa Maria. Proust: um leitor de Schopenhauer. *Artefilosofia*, Ouro Preto, n.3, jul. 2007.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamázov*. v. 1. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2008.

ELIAS, Nobert. *Sobre o tempo*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos tribunais, 1990.

HOFFMAN, Frederick J. *O romance moderno nos Estados Unidos (1900-1950)*. Trad. Sérgio Duarte. Sl.: Revista Branca, sd.

HOFFMAN, Frederick J. *The 20's: American Writing in the Postwar Decade*. New York: Collier Books, 1962.

LINS, Álvaro. Aventura pessoal e ordenação literária. In: \_\_\_\_\_. *O relógio e o quadrante*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

MANN, Thomas. *Os Buddenbrook*. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

REVEL, Jean-François. *Sur Proust*. Paris: Denoël/Gonthier, 1977.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000.

SAVIETTO, Maria do Carmo. *Baú de Madeleines: o intertexto proustiano nas Memórias de Pedro Nava*. São Paulo: Nankin Editorial, 2002.

STOLTZFUS, Ben. The stones of Venice, time, and remembrance: calculus and Proust in Across the River and Into the Trees. *The Hemingway Review*, v. 22, n. 2, p. 19-29, 2003.

### **Links consultados**

MORBID. In: CAMBRIDGE Dictionary. 2022. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/morbid>.

MÓRBIDO. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/m%C3%B3rbido>.